

O BALE COMO ESPAÇO MOBILIZADOR DA SUBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO DO SUJEITO LEITOR

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra; Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; e-mail: kekesoares@yahoo.com.br; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; malupsampaio@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho traz como foco o estudo do Programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas) como espaço mobilizador da subjetividade na formação do sujeito leitor. O objetivo é identificar os sentidos subjetivos que são mobilizados na atuação dos participantes no que se refere à constituição leitora, tendo como base teórica o estudo da subjetividade na perspectiva histórico-cultural. No tocante a metodologia, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, com suporte nos postulados da Epistemologia Qualitativa, que considera a pesquisa como um espaço dialógico e o conhecimento como um processo construtivo-interpretativo. Com base no pressuposto metodológico apresentado, a construção da informação se deu a partir do uso de alguns instrumentos, entre os quais destacamos o questionário aberto, o depoimento e o complemento de frases. Os resultados preliminares mostram que ao atuarem dentro do Programa BALE, os sujeitos desenvolvem sentidos subjetivos que transformam suas atitudes com relação à leitura e consequentemente despertam e/ou ampliam sua atuação enquanto leitores. Enquanto preâmbulo de uma conclusão pode-se dizer que a subjetividade movimentada no Programa ajuda os seus integrantes a se tornarem leitores efetivos e comprometidos com a formação leitora de si e do outro.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do leitor. BALE. Subjetividade.

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

O presente artigo provém dos estudos realizados na elaboração da tese de Doutorado intitulada “Expressão criativa e subjetividade na contação de histórias no Programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas)”, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Letras-PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, *Campus* Avançado de Pau dos Ferros. Neste trabalho, o objetivo é apresentar um estudo acerca do Programa BALE como espaço mobilizador da subjetividade na formação do sujeito leitor. Objetivamos é identificar os sentidos subjetivos que são mobilizados na atuação dos participantes no que se refere à constituição leitora, tendo como base teórica o estudo da subjetividade na perspectiva histórico-cultural.

No tocante a metodologia, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, com suporte nos postulados da Epistemologia Qualitativa, proposta apresentada como embasamento teórico-metodológico e epistemológico dos estudos da Teoria da Subjetividade numa perspectiva histórico cultural de González Rey (2003, 2005a, 2005b). Esse aporte epistemológico e metodológico considera o empírico como o momento de confrontação entre a teoria e a realidade, na qual o pesquisador é sujeito ativo

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br



na construção do conhecimento. Além disso, considera a pesquisa como um espaço dialógico e o conhecimento como um processo construtivo-interpretativo.

Com base no pressuposto metodológico apresentado, a construção da informação se deu a partir do uso de alguns instrumentos, entre os quais destacamos o questionário aberto, que usaremos como base para estudar as informações aqui presentes. A análise está pautada no princípio construtivo-interpretativo como característica principal do processo da pesquisa, que de acordo com González Rey, deve ser dialógico, entendendo o conhecimento como uma construção.

O BALE COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DO LEITOR

O programa BALE, desde sua origem como projeto de extensão no ano de 2007, busca a formação do leitor. Segundo as idealizadoras, professoras Maria Lúcia Pessoa Sampaio e Renata de Oliveira Mascarenhas, o objetivo é disseminar o gosto pela leitura a partir do texto literário, bem como outros gêneros que venham favorecer a formação de leitores e mediadores de leitura, tanto em espaços escolares, como não escolares. (SAMPAIO; MASCARENHAS, 2007).

Trilhando um caminho de sucesso, o BALE permaneceu enquanto categoria de projeto de extensão no período de 2007 a 2011, vinculado ao Departamento de Educação – DE, em parceria com o Departamento de Letras Vernáculas e Estrangeiras – DLV/DLE do *Campus Avançado “Professora Maria Elisa de Albuquerque Maia”* – CAMEAM, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Pertencente ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Planejamento do Processo Ensino-aprendizagem – GEPPE, o projeto alcançou no ano de 2012 o *status* de Programa de extensão, subdividindo-se em cinco ações, a saber: BALE Formação, voltado para a formação de novos mediadores de leitura, tanto na Universidade quanto na Educação Básica; BALE Ponto de Leitura, que se dedica ao trabalho com o livro, objetivando mediar o contato entre livro e leitor; BALE em Cena, atua principalmente com a encenação das histórias; Cine BALE Musical, que desenvolve atividades através da inserção da música e do cinema, e o BALE Net, responsável por gerenciar o programa no mundo virtual. Cada ação visa se dedicar a uma forma específica de veiculação da arte literária, no entanto, todas trabalham em conjunto, com o objetivo maior de mediar o caminho entre o leitor e o livro.

Ainda de acordo com uma das idealizadoras, “A ideia de torná-lo programa advém da grande proporção que o projeto alcançou. Ganhando

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

espaço, reconhecimento e aceitação da comunidade acadêmica, bem como do público atendido, [...]”. (SAMPAIO, 2012, p. 12) Para Sampaio (2012), ao tornar o BALE um programa, foi possível atender a uma demanda maior do público, inserindo com isso as mais diversas linguagens no trabalho com a mediação de leitura.

Ao longo de sua trajetória, o BALE se tornou, além de Programa de Extensão, um ambiente de pesquisa, pois vem construindo um banco de dados significativo, com documentos escritos, fotos, e registros em vídeos de suas ações. Sendo, portanto um espaço valioso para a produção acadêmica, possibilitando a investigação em diversos enfoques, especialmente no que se refere a formação do leitor. Isso porque a meta principal do Programa é a formação do sujeito leitor, tendo para isso mobilizado as mais diversas estratégias na busca pela concretização deste objetivo.

Nessa perspectiva, a leitura no BALE é vista pelo prisma que aponta Larrossa (2002), ao defini-la como “[...] algo que nos forma, (ou nos trans-forma e nos de-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos” (LARROSA, 2002, p. 133, grifo do autor). O sujeito leitor é assim concebido como alguém que encontra na leitura não só uma habilidade que o coloca em atividade na sociedade letrada em que vivemos, mas o torna um ser que analisa seu dia a dia de forma interpretativa, buscando compreender a si mesmo e ao mundo que o rodeia.

A prática da leitura é então encarada como um fazer social, um direito de todos, que infelizmente não é garantido de modo eficiente pelo poder público, motivo pelo qual a relevância de ações como a do BALE torna-se ainda maior, pois ao oportunizar o contato com o livro está também permitindo as pessoas exercerem sua cidadania através da formação cultural que a leitura permite. Mediante esse contexto, a intenção da equipe do Programa é mediar a relação do leitor com o livro, fazendo com que esse contato se concretize de maneira satisfatória.

Para alcançar o objetivo desejado, o caminho escolhido pelo BALE tem como suporte o texto literário em suas mais variadas formas, pressupondo, como enfoca Calvino, que a literatura, “[...] nos permite entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 2004, p. 16). Além disso, a literatura nos torna mais humanos, aspecto defendido por Antonio Candido ao abordar a humanização como:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 180).

Tomando como base a fala de Candido, podemos dizer que os objetivos que o Programa BALE almeja no que concerne à formação do leitor se baseia numa concepção de literatura tal como aborda Candido (2004), ou seja, concebe o texto literário como uma forma de arte que desperta no sujeito sua humanidade. A mobilização dos sentimentos e das emoções que a literatura provoca é o propósito que o trabalho do BALE busca alcançar.

Um aspecto relevante para a concretização desse propósito diz respeito à mediação de leitura. Entendemos mediação de leitura no BALE como uma forma de fazer o texto literário chegar até as pessoas a partir de diversas estratégias, visando uma aproximação leve e prazerosa, como deve ser a relação com a literatura.

A concepção de mediação aqui apresentada parte dos estudos de Vygotsky (2005, 2007), que aborda a interação como a principal forma do sujeito se constituir como ser cultural, histórico e social a partir da troca de experiências com os demais sujeitos. Para o autor “a transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, [...]” (VYGOTSKY, 2005, p. 07). A ideia de mediação trazida pelos estudos de Vygotsky se tornou de suma importância nas discussões e nas práticas que abordam essa temática.

Entre os estudiosos do assunto, destacamos o enfoque de Oliveira ao afirmar que “Mediação em termos genéricos é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 2002, p. 26). No contexto do BALE, esse elemento se configura na pessoa do mediador de leitura, que utiliza formas diversificadas para fazer a ponte entre o livro e o leitor. Dentre as estratégias utilizadas, destacamos a contação de histórias, que é a principal forma de atuação do programa junto ao público, tornando-se a marca do BALE como ação extensionista.

Essa estratégia visa à promoção do encontro do público com o livro de literatura por meio da atividade de contação de histórias, que é considerada como uma prática que faz parte da vida do homem desde tempos ancestrais, tendo se perpetuado devido ao fato de as histórias narradas serem uma forma de emocionar e encantar as pessoas através do mágico que elas revelam e que é tão caro à formação humana. Isso porque a narrativa mágica é uma via por onde transita os sentimentos universais que movimentam a humanidade de cada um.

Nessa perspectiva, contar histórias se torna uma maneira de levar a emoção da literatura para um público, que ao se encantar pelo que o literário revela, irá em busca do encantamento revelado na forma de livro, tornando-se então um leitor. Sobre esse aspecto, Selso Sisto defende a relevância de contar histórias como forma de emocionar. Para o autor, “o que vale mais é sentir a liberdade de ser coautor da história narrada e poder receber a experiência viva e criada na imaginação, o cenário, as roupas, as caras dos personagens [...]” (SISTO, 2005, p. 20). Na citação, percebemos a defesa do autor pelo ato de contar histórias como forma de suscitar os sentimentos do ouvinte, o que consideramos um caminho promissor na formação do leitor.

Nesse sentido, podemos considerar o BALE como um programa de formação de leitores, dado que suas ações visam especialmente a aproximação do texto literário. Segundo Muniz e Oliveira, “A aproximação ou o afastamento do leitor do texto literário dependerá, em muitos casos, das interações pessoais e verbais experienciadas na trajetória de vida em diversos ambientes, [...]” (MUNIZ e OLIVEIRA, 2014, p. 45). A fala das autoras nos leva a pensar o cenário do BALE como um ambiente organizado para possibilitar essa formação leitora, encarada como uma prática social, como abordada por Cosson, quando afirma que: “Aprender a ler é bem mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou uma atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que mediam e transformam as relações humanas. [...]” (COSSON, 2011, p. 40)

A abordagem do autor vai de encontro à concepção de leitura adotada pelo BALE, ou seja, conceber a leitura como uma prática social implica considerá-la como uma valiosa maneira de provocar interações entre leitor e texto através da mobilização de sentimentos, como imaginação, emoção e sensibilidade. Estes sentimentos estão presentes na mediação de leitura feita pela contação de histórias, pois ao ouvir as narrativas, as pessoas são levadas a um estado de fantasia que é natural no ser humano, podendo assim aproximar o público da obra literária e formar leitores concretos.

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE SUBJETIVIDADE

A experiência humana vem suscitando estudo de várias áreas das ciências, especialmente as antropossociais, que buscam uma compreensão de como o sujeito se articula com seu meio social e cultural na produção de conhecimentos, na elaboração de conceitos e na própria formação psicológica. Em nosso trabalho, necessitamos esboçar um pouco do contexto de investigações que permitiram a consolidação

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

dos pressupostos teóricos que embasam a pesquisa, entre eles, a teoria da subjetividade elaborada pelo pesquisador Fernando González Rey.

As conjecturas teóricas apresentadas pelo autor foram formuladas a partir de estudos psicológicos que são direcionados para algumas áreas das ciências antropológicas, em especial a educação, que vem desenvolvendo pesquisas de extrema relevância para a compreensão da formação do ser humano em variados aspectos a partir de proposições oriundas de outras ciências, como a Psicologia.

Mediante o exposto, fica evidente a necessidade de apontamentos em torno da organização dos estudos da subjetividade numa perspectiva histórico-cultural abordada por González Rey (2003), na tentativa de discutirmos um pouco a respeito do percurso científico do qual emerge os conhecimentos elaborados pelo autor e que dão suporte a esta e a muitas pesquisas na atualidade.

Para o autor, ao logo do desenvolvimento de sua teoria, a princípio subjetividade significaria “[...] a organização complexa do sistema de sentidos e significados que caracteriza a psique humana individual e os cenários sociais nos quais o sujeito atua. [...]” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. XI). No entanto, para um melhor entendimento dessa perspectiva teórica é preciso vislumbrar algumas das bases científicas que precedem sua formulação.

Em sua obra *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural* (2003), o autor citado traz uma abordagem do desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência, traçando um percurso histórico que visa à compreensão da evolução do pensamento psicológico ao longo da história e da construção da pesquisa científica na área psicológica. O autor coloca a visão histórica de Wundt como um importante antecedente na definição do “[...] caráter histórico dos processos psicológicos complexos do homem. [...]” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 03). Assim, estudar os processos psicológicos do homem aparece como um passo significativo na constituição da Psicologia enquanto ciência.

Ainda de acordo com González Rey (2003), os pressupostos da teoria de Elliott “[...] estabelece o compromisso permanente dos processos de subjetivação com o contexto histórico-cultural do sujeito e dá protagonismo ao sujeito em seu caráter ativo e criativo no processo de subjetivação das influências sociais. [...]” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 57). Dessa perspectiva, a subjetividade se forma dentro do campo de ação do sujeito e dos cenários sociais nos quais se desenvolve.

Com base nestes e em outros pressupostos, González Rey (2003) apresenta a subjetividade como uma “[...] representação da psique em



uma nova dimensão complexa, sistêmica, dialógica e dialética, [...]” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 575). Para o autor, a subjetividade,

É um sistema simbólico-emocional orientado à criação de uma realidade peculiarmente humana, a cultura, da qual a própria subjetividade é condição de seu desenvolvimento e dentro da qual tem a sua própria gênese, socialmente institucionalizada e historicamente situada. (GONZÁLEZ REY, 2017, p. 27).

O conceito apresentado aqui nos leva a compreender a subjetividade como um aspecto do ser humano que se constrói a partir da relação com os outros indivíduos nos espaços sociais nos quais interagem e com os quais desenvolvem um sistema cultural. Em outra obra González Rey (2005a) reforça que “A *subjetividade é uma construção histórico-cultural*. Todo processo é vivenciado primeiro como externo em relação a outros, para depois se internalizar [...] a partir da construção própria, de sentido, e de cada indivíduo social. [...]” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 87, grifo do autor).

Partindo dos pressupostos apresentados acima, atinamos para o espaço social do programa BALE como um espaço no qual os sujeitos vivenciam experiências sociais significativas para a construção de sua subjetividade enquanto leitores, pois ao interagirem com os outros na mediação de leitura, estão vivendo processos sociais que desencadeiam a consolidação de novos significados em suas relações sociais.

O BALE E A SUBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Para adentrarmos numa reflexão em torno da subjetividade e de como ela é mobilizada no contexto do programa BALE no tocante à formação do leitor, precisamos levar em conta algumas considerações advindas dos apontamentos teóricos de Gonzalez Rey sobre subjetividade e de alguns de seus colaboradores. Para isso, buscamos compreender os sentidos subjetivos que são mobilizados pelos participantes no tocante a sua trajetória enquanto leitor.

É importante mencionar que a formação do leitor se configura como o ponto de partida do trabalho no Programa BALE enquanto ação extensionista, que vem desenvolvendo um significativo trabalho no tocante a formação de leitores e ao fomento à leitura na cidade de Pau dos Ferros e região, tendo se expandido muito ao longo de sua trajetória, chegando a desenvolver trabalhos em outros estados do Brasil, bem como em outros países.

Vale ressaltar ainda, que uma das principais estratégias desenvolvidas pelo BALE na mediação da leitura é a contação de histórias. O contador de história do BALE, mesmo sem a pretensão de desenvolver essa atividade com *status* de

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br

profissão, se assemelha ao contador profissional moderno. Este, segundo Andrade, está “[...] saindo do espaço familiar e percorrendo novos espaços, como escolas, feiras do livro, livrarias, bibliotecas, teatros, shoppings, saindo do anonimato e passando a desenvolver uma atividade autoral, de certa forma profissional.” (ANDRADE, 2012, p. 26). O contador moderno usa como ferramenta principal de sua atuação a criatividade, aspecto que vem sendo estudado com frequência por diversos profissionais, dos quais destacamos Albertina Mitjás Martínez.

Em seus estudos, Mitjás Martínez (1997) alerta que não pretende formular um conceito acabado de criatividade, dada a complexidade que envolve a temática e os inúmeros estudos que tem se preocupado em determinar uma conceituação para o processo criativo. Do ponto de vista da autora, “[...] criatividade é o processo de descoberta ou produção de algo novo que cumpre exigências de uma determinada situação social, processo que, além disso, tem um caráter personológico.” (MITJÁS MARTÍNEZ, 1997, p. 54)

Por esse ângulo, a criatividade aparece como um processo, e como tal, está implicado na constituição do sujeito, levando em conta os aspectos sociais e culturais inerentes a toda formação humana, sendo desse modo um movimento no qual a subjetividade opera de maneira significativa na constituição do sujeito no espaço social. Esse sujeito, que também é cultural, vai se formando na medida em que atua e participa da interação social com o outro e com a sociedade da qual participa.

Tomando como exemplo os contadores de histórias do BALE, veremos que o espaço social no qual o programa atua, surge como um elemento fundamental na construção subjetiva desse sujeito criativo. Para pensarmos a categoria de sujeito e sua relação com o social apontamos o pensamento de Gonzalez Rey, que discute a compreensão do sujeito na perspectiva da teoria histórico-cultural da subjetividade. O autor aponta em um de seus estudos que:

O sujeito em sua processualidade reflexiva intervém como momento constituinte de si mesmo e dos espaços sociais em que atua, a partir dos quais pode afetar outros espaços sociais. O sujeito representa um momento de subjetivação dentro dos espaços sociais em que atua e, simultaneamente, é constituído dentro desses espaços na própria processualidade que caracteriza sua ação dentro deles, a qual está sempre comprometida direta ou indiretamente com inúmeros sistemas de relação. (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 235).

Com fundamento na citação anterior, observamos que o sujeito desponta como “constituente de si mesmo”, ou seja, o autor traz à tona a importância dos fatores internos para os processos subjetivos que afloram na construção social do sujeito, que não se configura como um processo individual, mas construído na experiência com o outro em cada contexto de atuação, levando em conta também os elementos externos. Para o autor “[...] o sujeito está sempre em atividade em seus diferentes espaços de relação social.” (GONZALEZ REY, 2007, p. 144) É nessa atuação nos espaços sociais que o sujeito elabora os processos subjetivos, vinculados as atividades que trazem significado para a formação do indivíduo.

Em outra obra, o autor mencionado aborda a subjetividade como “[...] um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorre em sua formação. [...]” (GONZALEZ REY, 2015, p. 19). Com isso, podemos perceber o quanto a discussão em torno da subjetividade se configura como algo complexo, que envolve aspectos da formação humana requerendo assim um olhar investigativo aguçado e embasado em uma construção do conhecimento que leve em conta o sujeito como um ser social, cultural e histórico, em constante estado de construção. O que nos leva a refletir sobre as palavras de González Rey, quando afirma que, “a subjetividade somente pode ser estudada a partir de uma perspectiva construtiva interpretativa. [...]” (GONZÁLEZ REY, 2007, p. 134) Isso devido ao fato de a subjetividade não permitir a exploração de dados de maneira objetiva, sem considerar a complexidade que a envolve.

Um aspecto que não podemos deixar de mencionar diz respeito à concepção de sentido subjetivo na ótica do autor acima citado. Para ele o sentido subjetivo corresponde “[...] a unidade dos aspectos simbólicos e emocionais que caracterizam as diversas delimitações culturais das diferentes práticas humanas em um nível subjetivo.” (GONZÁLEZ REY, 2005a, p. 44) O autor acrescenta ainda que o sentido subjetivo atua de forma processual e constante, não sendo portanto, algo estático na formação da subjetividade.

Nessa perspectiva, buscamos interpretar as falas dos participantes da pesquisa, que foram os integrantes do Programa BALE, que atuam ou atuaram como mediadores de leitura, que usam como principal estratégia a contação de história. Os participantes foram convidados a participar de forma voluntária da construção da investigação que compõe a tese de doutorado “Expressão criativa e subjetividade na contação de histórias no Programa BALE”. Precisamos salientar, que para este trabalho, enfocamos somente o aspecto relacionado à formação do leitor, fazendo um recorte dos dados construídos a partir de um questionário

aberto, no qual as pessoas responderam a algumas perguntas de forma espontânea.

Entre as perguntas que foram direcionadas aos membros que participaram, os quais identificamos dentro do estudo como baleano/a¹ colaborador/a, usando como código de identificação o BC acompanhado do número que corresponde a posição do partícipe no quadro de organização dos dados.

Para o objetivo do presente trabalho, evidenciamos a fala de alguns colaboradores sobre o significado da atuação no BALE para sua formação leitora, buscando perceber os movimentos na subjetividade apresentado a partir das interações realizadas no BALE. A título de exemplo, mostramos a fala da BC 02 a respeito de sua relação com a leitura antes e depois da participação no BALE.

Com o BALE aprendi que o acesso à leitura pode fazer a diferença na vida de alguns indivíduos (Crianças, jovens e/ou adultos) que encontram no mundo da leitura, não só informação, mas acima de tudo prazer, divertimento e realização pessoal. Antes do BALE eu realizava um trabalho com a leitura com meus alunos porque tinha a consciência que eles precisavam ler para crescer intelectualmente e que a leitura era bom para eles e até divertia-os. Hoje, compreendo, através das experiências vivenciadas, que ler é muito mais que isso. Ler é transformar-se, é contribuir para transformar o outrem, o contexto que vivemos, o mundo que nos rodeia. A leitura não é só importante porque traz conhecimento, a leitura é indispensável para vida de qualquer sujeito porque com ela, através dela vivemos/aprendemos a viver (QUESTIONÁRIO DA PESQUISA, 2018).

Percebemos na fala da BC 02, que sua participação no programa BALE desencadeou uma nova significação para o trabalho com a leitura, bem como a respeito do lugar que a leitura ocupa na vida social hoje. O sentido subjetivo de ser leitor passou de necessidade intelectual e/ou divertimento para uma realização muito mais significativa, capaz de transformar a vida de quem a pratica.

A atuação do BC 02 dentro do programa BALE mostra uma movimentação em sua subjetividade a partir do contato com o público, quando surge um novo sentido para a prática de ler, tanto no que se refere ao sentido da leitura em sua vida pessoal, quanto no tocante ao profissional, já que incorporou em seu fazer uma nova atitude com relação à leitura a partir da vivência no ambiente do BALE.

Sendo assim, inferimos que o novo sentido subjetivo atribuído à leitura advém da relevância social que a atuação do BALE representa. Como afirma González Rey, “[...] O sentido é produzido sempre dentro de práticas culturais, como a própria linguagem, mas é irreduzível aos processos sociais e culturais que participam de sua gênese” (GONZÁLEZ

¹ Usamos o termo baleano para se referir à equipe que compõe o Programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas)

REY, 2012, p. 25). O pensamento do autor reforça a relevância do trabalho desenvolvido no BALE ao apontar os processos sociais como práticas culturais que culminam na geração de novos sentidos.

Nas falas da BC 08 e BC 09, encontramos também indicadores da mobilização da subjetividade através da atuação no BALE.

BC08

Antes de atuar no Bale a minha relação com a leitura não era muito agradável, eu não gostava de ler e só lia por obrigação, depois do Bale adquiri gosto pela leitura e hoje me considero uma verdadeira leitora. (QUESTIONÁRIO DA PESQUISA, 2018).

BC 09

Antes do BALE já lia, poucos livros, mas, lia. No entanto, não era uma leitura propriamente dita, pois não havia a construção do gosto pela leitura, este construí enquanto contava histórias. (QUESTIONÁRIO DA PESQUISA, 2018).

As participantes se referem ao BALE como o responsável pelo desenvolvimento do gosto pela leitura, ou seja, ao interagirem enquanto membro do programa, construíram um novo sentido subjetivo para a prática de leitura, que foi o prazer que a literatura produz, que até então não haviam encontrado. É possível ainda perceber a emoção como sentido subjetivo presente na fala das participantes, este aparece de forma implícita, especialmente na voz da BC 08, que atribui ao BALE o fato de ter se tornado uma “verdadeira leitora.”

Percebemos com o posicionamento das participantes com relação ao BALE uma mobilização de processos subjetivos advindos de fatores externos, como as atividades interativas que o mesmo possibilita, bem como de fatores internos, como a satisfação demonstrada nas falas. No tocante a esse aspecto, Scoz; Tacca e Castanho defendem que “[...] O interno e o externo integram-se em permanente influência mútua, o que permite sempre o surgimento de novos processos, numa relação dialética que integra o sujeito e suas relações sociais. [...]” (SCOZ; TACCA e CASTANHO, 2012, p. 137). Ao integrar-se nas relações sociais propiciadas pelo BALE, a movimentação subjetiva se dá integrando esses aspectos, pois para as autoras citadas, a subjetividade não é linear, mas pluridimensional.

Corroborando com a perspectiva apresentada, Coelho aborda que “A subjetividade como um sistema de configurações organiza subjetivamente as experiências do sujeito [...]” (COELHO, 2014, p. 110), sendo essas experiências que vão mobilizar a subjetividade e trazer novos sentidos subjetivos que são mobilizados nas práticas sociais e no contexto cultural no qual o sujeito interage.



Desse modo, consideramos o programa BALE como um ambiente mobilizador da subjetividade que favorece aos participantes o desenvolvimento de vários sentidos subjetivos, principalmente no que se refere à formação leitora, dado que, como vimos nas falas mostradas aqui, ao se integrar nas atividades, os membros da equipe do programa modificam sua forma de concepção e prática da leitura.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Tentamos neste trabalho elaborar uma breve discussão em torno da temática da formação do leitor no Programa BALE e a mobilização de sua subjetividade, tendo como elemento de análise de investigação um recorte dos dados elaborados para construção da nossa tese de doutorado.

Esses dados foram construídos a partir de um questionário respondido por membros do BALE. Retomamos aqui a ênfase em que trata-se apenas de uma amostra do questionário e que elegemos somente um aspecto para ser tratado no presente estudo. Este aspecto se refere a mobilização da subjetividade dos participantes no tocante a relação com a leitura.

Vimos ao longo das discussões, embasadas na teoria da subjetividade na vertente abordada por González Rey, que os colaboradores demonstram em suas falas a elaboração de alguns sentidos subjetivos advindos de sua atuação no BALE. Dentre esses sentidos subjetivos, vale destacar a mudança na relação com a leitura que passou a ser de prazer.

Podemos assim dizer que os participantes do Programa BALE constroem sua formação com base em uma subjetividade desenvolvida a partir da interação com o público e com os colegas no programa, o que vai de encontro a sua natureza enquanto ser social e dotado de cultura, encontrando no outro e na sociedade os subsídios para sua formação enquanto sujeito.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aldanei Menegaz. **Quem conta um conto aumenta um ponto: contadores de histórias no Distrito Federal (1991 a 2011)**. Brasília: Dissertação de Mestrado - UnB - história cultural, 2012.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Campinas/SP: Papyrus, 2004.

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br



COELHO, Cristina Madeira. A categoria de sentido subjetivo e os contextos educacionais: valor teórico e evidências empíricas. In.: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; ÁLVAREZ, Patrícia (Orgs.). **O sujeito que aprende: diálogo entre a psicanálise e o enfoque histórico-cultural**. Brasília: Liber Livro, 2014.

COSSON Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Contexto 2011 DP&A, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In.: GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. (Org.). **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005a.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005b.

_____. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. Tradução Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

_____. A configuração subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In.: In.: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; SCOZ, Beatriz Judith Lima, CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. (Orgs.). **Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília: Liber Livros, 2012.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2017.

LARROSA Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.) **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Criatividade, personalidade e educação**. 3. ed. Campinas/SP: Papirus, 1997.

MUNIZ, Dinéa Maria Sobral; OLIVEIRA, Jeovana Alves de Lima. Mediadores sociais de leitura: pontes para experiência literária. **PontodeAcesso**, Salvador, v.8, n.2, ago. 2014. Disponível em: www.pontodeacesso.ici.ufba.br. Acesso em 02.04.2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Eu faço extensão. **InfoEXT**. Pró-Reitoria de extensão da UERN. nº. 02. 2012. Disponível em: http://www.uern.br/controladepaginas/proex-noticias-infoext/arquivos/1164infoext_2_edicao_proex_uern.pdf Acesso em 10/11/2016.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br



SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; MASCARENHAS, Renata de Oliveira. **Projeto Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE)**: ação conjunta entre a universidade e a comunidade paufferrense. Projeto de extensão. Pau dos Ferros, 2007.

SCOZ, Beatriz Judith Lima; TACCA, Maria Carmem Villela Rosa; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira. Subjetividade, ensino e aprendizagem: contribuições de pesquisas acadêmicas. In.: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; SCOZ, Beatriz Judith Lima; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira (Orgs.). **Ensino e aprendizagem**: a subjetividade em foco. Brasília: Liber Livros, 2012.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. 2 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem.** Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

www.sinafro2018.com.br